

# O HOMEM E O MONSTRO

Os serial killers *brasileiros* e a história de terror da vida real

MIRROR ONLINE



Em Hollywood, o serial killer ganha o Oscar, como no filme *Silêncio dos inocentes*. Mas os assassinos em série não estão só na televisão

ISADORA BARROS E MARINA TEPEDINO

Mulheres jovens de cabelo escuro, meninos de classe baixa, transsexuais. As principais vítimas de um assassino em série são pessoas em situação de vulnerabilidade, mas que acima de tudo se encaixam em um padrão.

O *serial killer* não é uma invenção hollywoodiana: as histórias estão muito mais perto da realidade do que se pode imaginar. De acordo com o livro *Serial Killer: louco ou cruel* de Ilana Casoy, são confirmados 73 assassinos em série no Brasil. O “Vampiro de Niterói” e o “Maníaco do Parque” são apenas dois exemplos de casos que tomaram conta da mídia brasileira, justamente por agirem nos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo, respectivamente.

**“Nem todos  
os psicopatas  
se tornam  
assassinos ou  
criminosos”**

Richard Whiting

Mais do que assassinos, esses criminosos criaram um cenário de insegurança e terror para grande parte da sociedade. Além disso, desafiaram a psicologia e mostraram, para a justiça brasileira, que o encarceramento muitas vezes não é suficiente e nem o melhor tratamento para pessoas capazes de colocar um país inteiro em situação de pânico

**O psicopata e o assassino em série**

O termo “psicopata” é o primeiro a surgir na hora de caracterizar um *serial killer*. Na realidade, não existe uma indicação de que todos os assassinos em série sofram da psicopatia e muito menos uma razão específica para que alguém seja um psicopata. Para o estudante de Psicologia Forense da Universidade de Birmingham, Richard Whiting, vários fatores complexos são apontados

como causas para o distúrbio: desde um componente genético até uma situação socioeconômica de pobreza extrema.

Segundo Whiting, “a psicopatia é caracterizada por traços como impulsividade, falta de remorso e empatia débil. Há uma clara associação entre as características de um psicopata e os atos de um *serial killer*, mas a psicopatia não é um pré-requisito – alguns assassinos podem ter outro distúrbio mental – e nem todos os psicopatas se tornam assassinos ou criminosos. Existe um consenso que psicopatas são bem difíceis de serem tratados, pois a psicoterapia requer uma relação muito honesta e de confiança com o terapeuta, algo difícil de desenvolver caso se tenha psicopatia” – explica.

## O Vampiro de Niterói

Conhecido como o “Vampiro de Niterói”, Marcelo Costa de Andrade escolhia meninos como vítimas. Entre 1991 e 1992, cometeu 14 crimes. Além de matar as crianças, ele também as violentava e bebia seu sangue. Daí o “apelido”.

O “Vampiro de Niterói” atraía as vítimas – geralmente de classe baixa – para uma área deserta, com dinheiro e a desculpa de que participariam de um ritual católico. De acordo com o advogado Felipe Dumans, que trabalhou no escritório que cuidou do caso na época, Marcelo escolhia excluídos sociais, que sequer seriam dados como desaparecidos. Tanto que 13 dos 14 assassinatos só foram descobertos depois que o assassino foi preso.

Marcelo viveu grande parte da sua vida na favela da Rocinha e teve uma infância conturbada, sendo muito maltratado pelos pais. Ainda criança, foi molestado por um homem mais velho. Na visão de Whiting, a situação familiar instável, com a experiência de abuso ou violência, é um dos fatores que pode ter contribuído para a formação do caráter de Marcelo.

Na adolescência, Marcelo começou a se prostituir e assim conheceu o porteiro Antônio Batista Freire, com quem passou a viver e quem o apresentou à Igreja Universal do Reino de Deus. Ele se separou de Antônio, mas não da Igreja. A religião foi um ponto importante no *modus operandi* de Marcelo.

O “Vampiro de Niterói” revelou às autoridades que escolhia meninos, porque certa vez ouviu um



Marcelo Costa de Andrade, mais conhecido como o “Vampiro de Niterói”.

sermão alegando que crianças iam direto para o céu quando morriam. Além disso, tinha o hábito de colecionar fotos e reportagens de menores que sofriam tragédias.

Os assassinatos ocorriam de forma variada: alguns por enforcamento, outros por facadas, ou com pedras. Ao ser preso, Marcelo tinha 25 anos, morava com a mãe e o padrasto em Niterói, e trabalhava com panfletagem em Copacabana, bairro da Zona Sul do Rio de Janeiro. Em seu julgamento, foi condenado como doente mental e cumpre pena em um sanatório. Dumans conta que o sentimento de medo do “Vampiro” era geral em Niterói: “A dificuldade foi mantê-lo vivo porque a polícia não sabia como tratar tal situação. Ele era nitidamente desequilibrado e acabava por deixar todos muito indignados com suas afirmações. O delegado tinha receio de que ele fosse morto na carceragem ou que acabasse matando alguém lá dentro”.

Em seu último crime, Marcelo levou os irmãos Altair Medeiros de Abreu, de 10 anos, e Ivan Medeiros de Abreu, de cinco, para uma praia, onde



Francisco Pereira, o “Maníaco do Parque”, que estuprava e praticava canibalismo com as suas vítimas

violentou e estrangulou o mais novo. Altair conseguiu fugir e denunciou Marcelo às autoridades. Na época, o menino concedeu uma entrevista à Rede Globo. “Ele falou que matou porque queria matar. Achou ele bonito e matou. Eu estou com um medo danado dele”, disse Altair, de costas para as câmeras.

## O Maníaco do Parque

Entre 1997 e 1998, tornou-se pública a história do “Maníaco do Parque”. A família e os vizinhos de Francisco de Assis Pereira o conheciam por ser um “alegre aventureiro”. Sua face de maníaco só veio à tona quando foi morar com um travesti na Grande São Paulo. Francisco batia e dava socos no companheiro, mesmo tipo de agressão aplicada nas mulheres que violentou mais tarde.

Os constantes assassinatos fizeram de Francisco um dos homens mais procurados do Brasil na

**“Ele era nitidamente desequilibrado e acabava por deixar todos muito indignados com suas afirmações”**

Felipe Dumans

década de 1990. O paulista abordava mulheres jovens nas ruas, com a falsa promessa de emprego em uma agência de modelos, e as propunha uma sessão de fotos no meio da natureza. Elas eram convencidas e iam ao Parque do Estado, região de 55 hectares na cidade de São Paulo. No local, Francisco levava as mulheres para o meio da mata, as estuprava e matava por estrangulamento.

Os assassinatos começaram a ser descobertos no dia 4 de julho de 1998: um menino estava na mata do parque à procura da sua pipa e acabou encontrando dois cadáveres em decomposição. A polícia foi avisada e, na investigação, mais dois corpos foram localizados.

Após a análise dos corpos, os investigadores concluíram que as quatro mortes deveriam ter sido cometidas pela mesma pessoa. Eles também associaram ao “Maníaco do Parque” outras

mortes que não haviam sido solucionadas e que seguiam o mesmo padrão: mulheres com cabelos longos e escuros; os corpos despidos e com as pernas abertas, evidenciando que tinham sofrido violência sexual.

Com base nos depoimentos de mulheres que haviam registrado queixas de tentativas de estupro no parque, foi feito um retrato falado do suspeito. E assim, a polícia chegou a Francisco de Assis Pereira.

Depois de preso, o “Maníaco do Parque” disse ter matado nove mulheres. Em seguida, orientado por sua advogada, afirmou ser inocente, mas voltou atrás e confessou que tinha matado 10. O número de vítimas mudou várias vezes, até que, em 2001, Francisco assumiu ter matado 15 mulheres.

Uma característica do assassino que impressionou a polícia e os investigadores foi a capacidade de convencimento. Na época, uma perita da Polícia Civil disse que ele era um homem “inteligentíssimo, com uma fala mansa que convence”.

No ano de 2001, o jornal Folha de S. Paulo publicou uma entrevista exclusiva com Francisco, que fez revelações que chocaram o país. Ele disse que pensava o dia inteiro em “comer mulher”. “Não só sexualmente. Eu tinha vontade de comê-la viva, comer a carne”, acrescentando que tinha prazer ao ver mulheres sentindo dor.

Muitos acreditavam que o “Maníaco do Parque” sofresse de alguma deficiência mental e que não tinha consciência ao cometer seus atos. Entretanto, em avaliação psicológica, o paulista foi considerado imputável, ou seja, com plena capacidade de entender o fato como ilícito e agir de acordo com sua consciência.

Acusado de sete mortes e outros nove estupros, além de roubo e ocultação de cadáver, Francisco teve três julgamentos. No total, foi sentenciado a 271 anos de prisão. No entanto, de acordo com a lei brasileira, ninguém pode ficar mais de 30 anos preso.


## A justiça para os *serial killers*

Quando se tornam públicas histórias de assassinos em série em nosso país, surgem muitas

críticas em relação ao tratamento dado a esses criminosos pela justiça brasileira. Nas últimas décadas, avanços significativos foram percebidos na defesa dos direitos fundamentais dos acusados e na forma como os crimes são praticados. Todavia, as técnicas de investigação policial e de processamento dos acusados em crimes de homicídios, não evoluíram com a mesma velocidade.

Segundo a professora de Direito Penal da PUC-Rio e especialista em Criminologia, Victoria Sulocki, a falha da justiça brasileira não está na aplicação das penas. “O maior problema que temos é submeter o agente criminoso à justiça. Principalmente quando as vítimas são de uma classe social mais baixa, o inquérito emperra na delegacia, demora muito. Há um problema de falta de estrutura do Estado para investigação desses crimes recorrentes”.

Com o aumento do número de crimes considerados hediondos e, principalmente, com o fato desses casos estamparem constantemente a capa dos noticiários, muitos defendem a liberação da prisão perpétua e da pena de morte. A docente pondera que já foi comprovado que atitudes extremas estão longe de ser o melhor caminho. “Assumir que determinada pessoa deve ser totalmente retirada da sociedade viola vários princípios. Com as novas formas ultramodernas de investigação, aumentou-se muito a descoberta de erros na justiça de todo o mundo. Nos Estados Unidos, por exemplo, três foram retirados do corredor da morte após ser confirmado que eram pessoas inocentes. O judiciário é muito falho para que a gente acredite que uma pena possa curar uma pessoa” – defende.

Em pesquisa divulgada em 2015, pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, o Brasil ocupa a quarta colocação entre as nações com maior número absoluto de encarcerados no mundo. Cerca de 608 mil pessoas estão presas, deixando o país atrás apenas dos Estados Unidos, da Rússia e da Indonésia. “Temos que começar a pensar em outras formas, o que não significa deixar o sujeito impune, mas resolver de uma maneira que não seja a cadeia” – assegura Victoria Sulocki. 

**“O judiciário é muito falho para que a gente acredite que uma pena possa curar uma pessoa”**

Victoria Sulocki